

Trajetórias das licenciaturas da UnB:
a pesquisa na e sobre a docência



Universidade de Brasília

Reitora
Vice-Reitor

Márcia Abrahão Moura
Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora

Germana Henriques Pereira

Conselho editorial

Germana Henriques Pereira (Presidente)
Fernando César Lima Leite
Beatriz Vargas Ramos Gonçalves de Rezende
Carlos José Souza de Alvarenga
Estevão Chaves de Rezende Martins
Flávia Millena Biroli Tokarski
Jorge Madeira Nogueira
Maria Lidia Bueno Fernandes
Rafael Sanzio Araújo dos Anjos
Sely Maria de Souza Costa
Verônica Moreira Amado

Trajetórias das licenciaturas da UnB: a pesquisa na e sobre a docência

Rozana Reigota Naves
Jeane Cristina Gomes Rotta
(organizadoras)

EDITORA



UnB

Editora de publicações
Coordenadora de produção editorial

Revisão

Diagramação

Equipe editorial

Marília Carolina de Moraes Florindo

Luciana Lins Camello Galvão

Marina Mattioni Schardong

Nathalie Letouzé Moreira

Yana Maria Palankof

Cyro Visgueiro Maciel

© 2020 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,

2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF

Telefone: (61) 3035-4200

Site: www.editora.unb.br

E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte
desta publicação poderá ser armazenada ou
reproduzida por qualquer meio sem a autorização
por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

T768 Trajetórias das licenciaturas da UnB : a pesquisa na e sobre a
docência / Rozana Reigota Naves, Jeane Cristina Gomes Rotta
(organizadoras). – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2020.
166 p. ; 23 cm.

ISBN 978-65-5846-021-3

1. Ensino superior. 2. Licenciaturas - Universidade de Brasília.
3. Prodocência. I. Naves, Rozana Reigota (org.). II. Rotta, Jeane
Cristina Gomes (org.).

CDU 378

Sumário

Apresentação	7
Rozana Reigota Naves e Jeane Cristina Gomes Rotta	
Integração das licenciaturas na UnB: avanços e perspectivas – uma história em construção	11
Ricardo Gauche e Mauro Luiz Rabelo	
Metodologia de investigação e metodologia de ensino baseados em arte na formação de professores no Instituto de Artes da Universidade de Brasília	25
Tatiana Fernández e Laura Fraiz-Grijalba	
A formação docente mediada pela metodologia qualitativa na relação universidade-escola.....	41
Juliana Eugênia Caixeta, Maria do Amparo de Sousa, Paulo França Santos, Delano Moody Simões da Silva, Luciane Alves Rodrigues, Otávio Augusto Moser Prado, Raimunda Leila José da Silva, Helma Salla, Kátia Milene Pereira Caixeta de Jesus, Rodrigo Alves Xavier e Alexandre Magno Maciel Costa e Brito	
A formação de professores de Música na Universidade de Brasília: memórias nas vozes de professores no projeto Prodocência-Música	55
Maria Cristina de Carvalho Cascelli de Azevedo	
Os estágios supervisionados do curso de Ciências Naturais da Faculdade UnB de Planaltina e a formação inicial de professores	85
Jeane Cristina Gomes Rotta, Delano Moody Simões Silva, Franco de Salles Porto e Viviane A. S. Falcomer	
O estágio supervisionado na formação docente e os desafios de ensinar e aprender línguas	103
Alice Tamie Joko, Edna Gisela Pizarro, Josely Bogo Machado Soncella, Yuki Mukai e Yuko Takano	

A contribuição da prática de ensino e do estágio para a formação inicial de educadores de jovens e adultos no curso de Pedagogia..... 117

Maria Clarisse Vieira

Panorama sistêmico da avaliação de qualidade dos cursos de licenciatura da Universidade de Brasília 137

Danilo Nogueira Prata e Cristiano Naibert Chimpliganond

Posfácio | Qualificar a formação docente: as metas do Programa de Consolidação das Licenciaturas – Prodocência 155

Maria Isabel Montandon

Os autores..... 163

O estágio supervisionado na formação docente e os desafios de ensinar e aprender línguas

Alice Tamie Joko

Edna Gisela Pizarro

Josely Bogo Machado Soncella

Yuki Mukai

Yuko Takano

Considerar o estágio como campo de conhecimento significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supere sua tradicional redução à atividade prática instrumental. (PIMENTA e LIMA, 2012, p.29)

As teorias aprendidas em sala de aula, no transcorrer de um curso universitário, se aliam à prática na experiência do estágio supervisionado (DALLAS CONTE e LEMKE, 2015, p. 311). O estágio é uma oportunidade em que o futuro profissional experimenta e atua no campo de formação. O ideal é que toda licenciatura, na formação do docente no âmbito universitário, trate o estágio como o momento no qual os conhecimentos e habilidades adquiridos sejam considerados úteis. Na verdade, para o futuro docente, o estágio é a oportunidade de enfrentar os primeiros desafios no contexto educacional antes da profissionalização.

Diferentes autores (TARDIF, 2005; IMBERNÓN, 2014; ALMEIDA e PIMENTA, 2014; PIMENTA, 2012; PIMENTA e LIMA, 2012) tratam do assunto de forma exaustiva. Eles consideram que no estágio supervisionado o futuro docente tem a oportunidade de analisar e refletir sobre sua prática e sobre a prática que observa, e ainda, testar as teorias que aprendeu e as habilidades e competências que desenvolveu durante o curso. Pimenta e Lima (2012) consideram o estágio como um espaço privilegiado de questionamento e investigação. Mas, para que isso aconteça, os cursos de graduação devem oferecer aos licenciandos os subsídios teóricos e práticos necessários, de acordo com o perfil do profissional que se quer formar, além de incentivar a reflexão sobre o conhecimento científico adquirido, sobre a sua formação e atuação futura e sobre a dimensão ética, política e ideológica de seu trabalho.

De modo geral, os estágios têm se constituído de forma burocrática, com preenchimento de fichas e valorização de atividades que envolvem observação participação e regência, desprovidas de uma meta investigativa. Dessa forma, por um lado se reforça a perspectiva do ensino como imitação de modelos, sem privilegiar a análise crítica do contexto escolar, da formação de professores, dos processos constitutivos da aula e, por outro, reforçam-se práticas institucionais não reflexivas, presentes na educação básica, que concebem o estágio como o momento da prática e de aprendizagens de técnicas do bem-fazer. (BARREIRO E GEBRAN, 2006, p. 26-27)

Nesse sentido, Almeida e Pimenta (2014) reforçam:

Durante o curso de graduação começam a ser construídos os saberes, as habilidades, posturas e atitudes que formam o profissional. Em períodos de estágio, esses conhecimentos são ressignificados pelo aluno estagiário a partir de suas experiências pessoais em contato direto com o campo de trabalho que, ao longo da vida profissional, vão sendo reconstruídos no exercício da profissão. (ALMEIDA e PIMENTA, 2014, p. 73)

Para Pimenta e Lima (2012), esse conhecimento envolve o estudo, a análise, a problematização, a reflexão e a proposição de soluções às situações de ensinar e aprender. Mais especificamente, envolve experimentar situações de ensinar, aprender a elaborar, executar e avaliar projetos de ensino não apenas nas salas de aula, mas também nos diferentes espaços da escola.

Os atuais desafios de ensinar e aprender exigem, em primeiro lugar, que os cursos de formação preparem um profissional autônomo, ético, que seja capaz de transformar, de acordo com as demandas da sociedade, os rumos da educação, que reflita e, a partir das experiências vivenciadas nos ambientes onde atua, torne a sua práxis em uma prática que modifique os sujeitos envolvidos no processo, alunos, colegas, comunidade; um profissional que pesquise e descubra o por quê ensina, como ensina e para quê e a quem ensina, que incentive e provoque em seus alunos o desejo de ser melhor, que lute por uma educação inclusiva, defendendo os direitos daqueles que ainda hoje são excluídos.

A prática como práxis traz, em sua especificidade, a ação crítica e reflexiva do sujeito sobre as circunstâncias presentes, e, para essa ação, a pesquisa é inerentemente um processo cognitivo que subsidia a construção e mobilização dos saberes construídos ou em construção. (FRANCO, 2012, p. 203-204)

Para o graduando, o estágio é o momento de começar a assumir o seu papel enquanto docente e aproveitar esse tempo para se olhar, para colocar em prática toda a bagagem de conhecimentos e saberes que a licenciatura lhe proporcionou, oferecendo-lhe a chance de criar espaços interculturais e estabelecer pontes que permitem o diálogo e a intercompreensão.

Pelo exposto, destaca-se Imbernón (2014), quando expressa:

O papel do professor de estágio supervisionado deve ser o de: guia e mediador entre iguais, o de amigo crítico que não prescreve soluções gerais para todos, mas ajuda a encontrá-las dando pistas para transpor os obstáculos pessoais e institucionais e para ajudar a gerar um conhecimento compartilhado mediante uma reflexão crítica. (IMBERNÓN, 2014, p. 94)

O Projeto PESES (Projeto de Estágio Supervisionado em Espanhol), criado há mais de 20 anos, formou e forma profissionais com esse perfil. Através da prática, conseguiu estabelecer o diálogo entre a escola e a universidade, ganhou o mérito por sua qualidade, abriu espaço para outras línguas, como o japonês e o francês, e construiu as bases para a inclusão linguística de alunos das regiões periféricas do Distrito Federal, trazendo para eles a esperança de realizar o sonho de entrar em uma universidade que está entre as dez melhores do Brasil.

Hoje, o PESES/PES (Projeto de Estágio Supervisionado em Espanhol/ Programa de Estágio Supervisionado em Línguas Estrangeiras) é um laboratório de pesquisa que ajuda a melhorar a cada dia a qualidade do processo de ensino e aprendizagem. O projeto é uma prova de que não devemos temer enfrentar desafios, pois o importante é a vontade de FAZER ACONTECER.

1. PESES: 20 anos de história e conquistas

O projeto PESES 1 começou oficialmente em 1999, mas há uma história que o precedeu e moldou totalmente a forma como iria acontecer. Em 1997, um grupo de estudantes da Licenciatura em Letras-Espanhol da Universidade de Brasília estava cursando uma disciplina de Didática na Faculdade de Pedagogia. O professor lhes sugeriu um projeto no qual os estudantes deveriam fazer uma pequena prática de aula em uma escola pública, Centro de Ensino Médio nº 10 de Ceilândia, onde o

docente tinha contatos. Dessa forma, os graduandos poderiam colocar em prática tudo o que haviam aprendido na aula e essa ideia os empolgava. O único problema foi que o professor em questão declarou não saber espanhol o suficiente para orientá-los.

Aqueles estudantes de Espanhol do quarto semestre buscaram a professora Edna Gisela Pizarro para perguntar se poderia ajudá-los. Foi um verdadeiro desafio, tanto para a docente quanto para os alunos. Em um programa como o da graduação em Letras-Espanhol, que tinha sido criado há pouco tempo e no qual ainda nem a metodologia e as matérias de prática haviam sido oferecidas, os estudantes e a professora estavam embarcando em uma verdadeira façanha.

As aulas propostas seriam oferecidas no verão, durante as férias escolares, especificamente entre janeiro e fevereiro. A universidade tinha acabado de passar por uma greve e o cronograma de 1997 terminaria no final de fevereiro de 1998. Durante o semestre, os envolvidos decidiram se reunir todos os sábados pela manhã para começar a dar forma às aulas. Os alunos vinham com dúvidas e com modelos em suas mentes e, juntamente com a professora, imaginavam como poderiam colocar em prática as ideias que surgiam. O processo de aprendizado era mútuo.

Não havia muitas informações sobre o grupo que iriam atender, apenas que era uma escola de ensino médio e que o diretor havia convidado para o curso alunos de diferentes anos e também funcionários da escola. Alunos e professora não sabiam exatamente em que estavam se envolvendo ao aceitar um grupo tão heterogêneo, mas duas coisas tinham em comum: a pouca experiência e o senso de aventura. Isso fez surgir uma coragem inédita no grupo.

Começaram essa viagem em fevereiro de 1998. Todos foram muito gentilmente recebidos pelo diretor e pela coordenação da escola e, a seguir, conduzidos a uma sala onde os estudantes já estavam esperando: um grupo composto principalmente de adolescentes e alguns adultos, todos com a vontade de estudar uma língua estrangeira. A experiência durante aquele mês foi muito mais do que positiva, foi definitivamente inspiradora. Ver como cerca de 50 pessoas fizeram um esforço, indo de segunda a sexta-feira, das 8 às 12 horas, estudar e trabalhar nos exercícios propostos, sem receber nada em troca, sem créditos na escola para os alunos, sem redução de horas para aqueles que trabalhavam na escola, foi uma prova da vontade que as pessoas têm de crescer por meio de seus estudos.

O curso de ensino de espanhol foi oferecido na UnB, pela primeira vez, no segundo semestre de 1998. No meio daquele semestre, ao discutir a lista de ofertas para o próximo, surgiu a realidade da primeira disciplina de prática docente, o Estágio Supervisionado de Espanhol. A área teve como exemplo o que estava sendo feito com o estágio na área de inglês, nos cursos de extensão. Os docentes tinham consciência de que era isso que desejavam, mas ainda não estava claro como seria executado.

A professora Sonia Golderos, de Letras-Inglês, coordenava os cursos de extensão das práticas da área. Mas o programa de Inglês naquela época tinha apenas uma disciplina de estágio; o Espanhol tinha duas (característica dos novos programas de graduação). Se não tivesse acontecido a experiência de Ceilândia e a influência da experiência da área de inglês, dificilmente teria ocorrido a seguinte ideia: em vez de enviar os estudantes de Letras para as escolas, as escolas poderiam vir à universidade e participar dos cursos de extensão. Seria uma forma de acolher as escolas vizinhas ao *campus* universitário e materializar o vínculo necessário entre a comunidade e a universidade, reforçando o papel social desta última. A ideia agradou a área e o Colegiado do Departamento e a professora Gisela se dispôs imediatamente a elaborar o projeto de extensão.

O projeto PESES, de aulas gratuitas de espanhol, começou no primeiro semestre de 1999, como uma atividade de extensão através do Programa Permanente de Extensão UnB Idiomas (PPE UnB Idiomas), antiga Escola de Línguas da Universidade de Brasília, com uma carga horária de 40 horas por semestre. Os níveis de estudo foram Básico 1, 2 e 3, aos sábados, das 8 às 12 horas. A partir de 2016, foram criados três níveis intermediários. Foi um projeto de extensão sem precedentes, com a participação de alunos do ensino fundamental e médio, com especial interesse nas escolas públicas do Distrito Federal.

Na experiência de Letras-Inglês, os cursos de extensão dos estágios aconteciam durante a semana, sobretudo ao meio-dia. O primeiro problema enfrentado foi escolher em que dia e hora seria possível reunir um grupo de alunos da escola pública. Concluiu-se que o sábado seria o dia ideal para essa atividade. O curso de Letras-Espanhol, sendo uma licenciatura noturna, tem o sábado entre suas opções de oferta de disciplina. Os estudantes estagiários também estavam quase todos em atividades de trabalho durante a semana, o que se colocava como outra dificuldade; assim, a manhã de sábado se tornou a única possibilidade de

unir as duas necessidades: participação dos estudantes de escolas e estágio dos estudantes de Letras-Espanhol.

A primeira experiência se iniciou em abril de 1999, na escola CEAN, localizada na L2 Norte, muito próxima ao *campus* da UnB. O diretor naquela época abriu as portas da escola e colocou toda a infraestrutura disponível para que os alunos pudessem ter as aulas. Os participantes eram estudantes tanto do CEAN, como das escolas Paulo Freire e GISNO. No primeiro semestre do PESES, foram formados 10 grupos, todos de nível Básico 1, mas divididos de acordo com a idade. A partir do segundo semestre, ocorreu a necessidade de abrir também grupos de adultos, para que professores e funcionários dessas escolas pudessem participar. Dessa forma, o programa PESES se manteve na escola CEAN por três semestres.

A partir do ano 2000, com a construção dos pavilhões Anísio Teixeira e João Calmon, mudou-se o projeto para o interior do *campus*, o que tornou possível a participação de alunos de outras escolas, primeiramente da Asa Norte e depois de todo o Plano Piloto. O sentimento, naquela época, foi de que não estávamos apenas compartilhando o conhecimento da língua espanhola com estudantes de escolas públicas, mas também mostrando o mundo universitário com todas as suas possibilidades, mesmo para aqueles que nunca haviam pensado em entrar na UnB. Observou-se a mudança em muitos dos alunos que participaram. E embora fossem atendidos alunos da escola pública do Plano Piloto, os integrantes do projeto começaram a pensar na possibilidade de aumentar a participação do PESES em áreas e comunidades mais periféricas e com menos recursos.

Mateus Lolas, que tinha sido estudante e estagiário de Letras-Espanhol e também, posteriormente, supervisor de espanhol no PPE UnB Idiomas, trouxe a ideia e o contato com escolas rurais de Águas Lindas de Goiás. O projeto estava começando a experimentar uma mudança: trazer estudantes de áreas de fora do Plano Piloto para a universidade. Essa mudança foi possível graças à vontade dos alunos de estudar e também à cooperação dos coordenadores dessas escolas, que organizaram vários ônibus para levar os estudantes até o *campus*. Foi um grande sacrifício por parte desses estudantes em dificuldades, que se levantavam às 5 horas da manhã de sábado para chegar às escolas em tempo de pegar o ônibus para chegar ao *campus* antes das 8 horas. Com o tempo, foi possível incluir no projeto outras regiões: Luziânia, Brazlândia, Planaltina, Paranoá e, a partir de 2019, Samambaia. Os recursos para os ônibus vieram a partir de 2016, quando alguns

deputados distritais começaram a oferecer o orçamento que recebiam do governo para cooperar com o PESES. O montante é transferido para a coordenação regional de ensino, que organiza o grupo de estudantes que participarão do projeto.

O PESES 2 teve início no segundo semestre de 1999. O objetivo dessa segunda parte do projeto foi atrair estudantes de graduação e pós-graduação, o público interno da UnB e também a comunidade de Brasília. Em alguns casos, havia a presença de estudantes de Letras-Espanhol e até mesmo de egressos da UnB.

O PESES 2 é igualmente um projeto gratuito, voltado para um público adulto. Devido à diversidade de seu público, também ocorreu uma extensão dos dias e dos horários oferecidos. Além dos sábados, foram incluídas as noites de sexta-feira e outros dias da semana, especialmente ao meio-dia.

Nessa segunda etapa do projeto, surgiu uma necessidade imediata de criar outros níveis de língua além dos três níveis básicos, visto que a variedade do público assim exigia. Três níveis de Intermediário foram então criados. Em 2003, a área de espanhol começou a oferecer aulas para grupos da chamada terceira idade. Dessa forma, pode-se dizer que o projeto PESES tem um público amplo e diversificado com um objetivo comum: o ensino/aprendizagem da língua espanhola, suas variedades e suas culturas.

No ano de 2019, o projeto comemorou seu 20º aniversário. Não apenas o projeto cresceu, mas também o público que o iniciou. Uma parcela considerável do público jovem que integrava o projeto entrou na universidade. Nos últimos anos, pode-se ainda observar um aumento de alunos de escolas públicas de áreas muito desfavorecidas, ex-participantes do PESES, que conseguiram ingressar em vários programas e carreiras na UnB, mudando assim seu próprio destino.

Não há palavras que possam descrever a enorme satisfação de desenvolver esse projeto, que há tempos foi considerado como um bebê, agora é um adulto de 20 anos, e pertence à história da Licenciatura de Letras-Espanhol, do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET), do Instituto de Letras (IL) e da própria UnB.

2. O Programa de Estágio Supervisionado de Japonês (PES-Japonês)

O Programa de Estágio Supervisionado de Japonês (PES-Japonês) realizado no âmbito do Programa Permanente de Extensão UnB Idiomas (PPE UnB Idiomas)

consiste no curso de idioma gratuito ofertado à comunidade, com aulas ministradas por estudantes do Estágio Supervisionado em Japonês 2, devidamente assistidos pelo professor da disciplina.

O gestor administrativo e acadêmico do PPE UnB Idiomas é o Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET), subunidade do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (IL/UnB). Tal fato proporciona a efetiva participação do LET nas atividades de realização plena das disciplinas de estágio supervisionado ofertadas aos estudantes dos cursos de Letras, isto é, a gestão e o acompanhamento de cursos oferecidos dessa atividade obrigatória de graduação.

O curso do PES-Japonês tem como público alvo alunos de dois segmentos: um é o dos alunos do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino do Distrito Federal e o outro, demais estudantes da comunidade interna e externa da UnB.

O curso de língua japonesa do Estágio Supervisionado voltado para o público interno e externo da UnB iniciou-se no ano de 2011 e o curso voltado para os alunos da rede pública do Distrito Federal, PES-Japonês, iniciou-se no ano de 2017, com a participação de alunos de uma escola pública de Brazlândia. O convite para participar do PES foi feito pela professora Gisela Pizarro, mas, para a sua concretização, foi fundamental o papel da professora Yuko Takano, que fez a gestão junto à Regional de Ensino daquela administração. À época, a professora Yuko Takano ministrava a disciplina Estágio Supervisionado de Japonês 2.

A faixa etária dos alunos do ensino fundamental e médio é, predominantemente, de 14 a 17 anos, sendo, atualmente, provindos de duas Regionais de Ensino: Samambaia e Brazlândia. As aulas voltadas a esses alunos acontecem aos sábados e eles podem contar com os ônibus fretados pelo Governo do Distrito Federal. Os responsáveis por esses alunos menores de idade assinam um termo de responsabilidade, tendo em vista que o UnB Idiomas só atende alunos acima de 18 anos. As aulas para o público adulto normalmente acontecem nos dias úteis. Aos sábados, as aulas são ministradas no horário das 8 às 12 horas da manhã, enquanto nos dias úteis as aulas acontecem das 14 às 18 horas.

Percalços fazem parte quando alguém tenta se aventurar em novos desafios e com o PES-Japonês não foi diferente. No segundo semestre de 2018, não houve matrícula dos alunos de Brazlândia. A responsável pela disciplina Estágio Supervisionado 2 era, então, a professora Alice Tamie Joko, que resolveu elucidar o motivo da falta de interesse dos jovens daquela Regional de Ensino em relação à língua japonesa.

Graças à colaboração do Professor Mateus Lolas, que voluntariamente continuava se empenhando na viabilização e continuidade do PESES/PES, foi agendada uma visita ao então coordenador da Regional de Ensino de Brazlândia, professor Janduy Procópio Leite Júnior. Nessa visita, foram esclarecidos dois fatos, a saber: os alunos escolhiam outros idiomas do Programa pelo fato de o curso de Japonês oferecer apenas dois níveis de língua, o Japonês Básico 1 e o Japonês Básico 2; e, ainda, o interesse pela língua japonesa dos moradores locais é grande, uma vez que em Brazlândia há, tradicionalmente, uma comunidade nipo-brasileira bastante atuante e a população local tem muita simpatia em relação àquela etnia. Diante disso, a área de Japonês prometeu abrir uma turma de Japonês Básico 3 no PES, a partir do semestre seguinte, além de colaborar com a inclusão da língua japonesa no rol de línguas estrangeiras do Centro Interescolar de Línguas do CIL-Brazlândia (CILB).

Como uma das ações para dar maior visibilidade ao PESES/PES, em setembro do mesmo ano, a área de Japonês participou da III Feira de Profissões promovida pela Coordenação Regional de Ensino de Brazlândia, evento que se destina a todos os alunos do 2º e 3º anos do Ensino Médio e da Educação de Jovens e adultos da regional (totalizando cerca de 3 mil alunos), aberto à visitação da comunidade em geral. A Feira tem como objetivo oferecer informações que orientem a escolha profissional daquele público alvo, com a apresentação de cursos técnicos e de nível superior. Com a colaboração do Centro Acadêmico de Japonês e demais estudantes voluntários do curso de Letras-Japonês, no estande cedido pela organização do evento, foi feita a divulgação do Instituto de Letras da UnB (IL), dos cursos de graduação e demais programas oferecidos pelos departamentos que compõem o Instituto.

Como desdobramento dessas ações, no semestre seguinte, as vagas do PES-Japonês destinadas aos alunos de Brazlândia foram preenchidas e tiveram que ser aumentadas para atender parcialmente a lista de excedentes. Outro resultado positivo foi a inclusão da língua japonesa no CILB, que conta com uma professora efetiva desde 2019.

No 2º semestre de 2019, foram ofertadas cinco turmas de japonês, atendendo 69 alunos: três turmas de Básico 1, uma de Básico 2 e outra de Básico 3. As aulas foram ministradas por quatro duplas de professores estagiários e um grupo de três professores estagiários. O curso iniciou-se no dia 14 de setembro e encerrou-se no dia 30 de novembro, contabilizando no total dez aulas com duração de quatro

horas cada uma (40 horas no total). As aulas foram ministradas em dois lugares: aos sábados, em salas do Pavilhão João Calmon e, nos dias úteis, no módulo 5 do Instituto de Letras (IL), ambos no *campus* Darcy Ribeiro da UnB. Sendo assim, durante esses períodos, o projeto atendeu centenas de pessoas da comunidade interna e da sociedade, que tiveram a oportunidade de estudar a língua japonesa nas dependências da Universidade de Brasília.

A disciplina de Estágio Supervisionado em Japonês 2, que integra o currículo de matérias obrigatórias para os discentes do curso de Língua e Literatura Japonesa da UnB, tem como objetivo proporcionar aos discentes a experiência pedagógica de ensinar a língua japonesa ainda durante a formação. Por seu turno, o objetivo do curso de PES-Japonês é de proporcionar aos alunos a opção de estudo do idioma japonês com metodologias voltadas aos aspectos inerentes aos estudos de língua estrangeira (LE). Contempla-se, além do uso do idioma, incorporar no ensino o aspecto da interculturalidade e da transculturalidade e o contexto sociolinguístico.

Para que o processo de ensino-aprendizagem seja eficiente, faz-se necessária a adoção de métodos e abordagens didático-pedagógicas pesquisadas e aplicadas em cursos regulares do LET/UnB. Tendo isso em mente, o conteúdo programático do PES-Japonês busca adequar-se aos níveis iniciais do *Standard Japanese* (Japonês padrão) desenvolvido pela *Japan Foundation*, que divide a proficiência em seis níveis, de A1 a C2, correspondentes ao Quadro Europeu Comum (QEC).¹⁸

Quanto ao material didático para o público jovem, a área de Japonês conseguiu da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo a autorização para o uso do livro didático *Kotobana*, de seis volumes, desenvolvido por aquela secretaria em colaboração com o escritório da Fundação Japão em São Paulo. *Kotobana* foi concebido para atender os alunos do Centro de Estudo de Línguas (CEL) daquele estado. O material impresso é disponibilizado em PDF e o áudio em MP3. Os adultos utilizam o livro didático *Marugoto* elaborado pela *Japan Foundation* com bases no *JF Standard*.¹⁹

O PES-Japonês oferece excelente campo para a interação com a pesquisa, pois na elaboração e aplicação das aulas faz-se o estudo do papel da docência em

18 A Fundação Japão (The Japan Foundation) é uma organização vinculada ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão e tem o objetivo de promover o intercâmbio cultural e a compreensão mútua entre o Japão e outros países.

19 O *Standard Japanese* para o ensino da língua japonesa foi desenvolvido pela Fundação Japão com o objetivo de aquisição de duas competências: 1) capacidade de usar a língua para concluir tarefas específicas e 2) capacidade de entender e respeitar a cultura própria e a cultura de outras pessoas.

termos didático-pedagógicos. E, na prática do dia-a-dia, conduz o docente-estagiário a uma análise crítica em relação à metodologia aplicada, ao material didático, entre outras situações que surgem em uma sala de aula, otimizando, assim, sua eficácia no aprendizado. Nesses termos, as aulas aplicadas servem de insumo para a reflexão constante que orienta o desenvolvimento da pesquisa no campo aplicado de ensino-aprendizagem da língua japonesa.

Em termos de formação profissional, o PES proporciona aos alunos de Letras-Japonês a oportunidade de vivenciar a atuação em sala de aula, onde eles colocam em prática todos os conteúdos teóricos e metodológicos estudados durante o curso. Em outras palavras, há a possibilidade de os estagiários aplicarem as teorias, metodologias e abordagens do ensino de língua estrangeira e utilizarem técnicas de ensino, observando qual delas melhor se adequa ao aprendizado dos seus alunos.

Ter um local onde os licenciandos conseguem desenvolver as capacidades pedagógicas e sentir a sala de aula antes de entrar no mercado de trabalho faz com que eles saibam se guiar em suas práticas docentes e preparar a aula de acordo com o que for necessário. Ou seja, o Estágio Supervisionado em Japonês 2 proporciona oportunidades de vivenciar o contexto real de uma sala de aula, como, por exemplo, os problemas que poderão ocorrer durante o cotidiano escolar. Possibilita, ainda, a reflexão a cada aula ministrada sobre o quê e por quê algo não deu certo, buscando maneiras de corrigir as falhas e evitá-las, identificando a melhor forma de executar uma tarefa, o melhor método ou técnica a serem utilizados.

Do ponto de vista dos estudantes, é dada aos alunos do ensino fundamental e médio da rede do ensino público, bem como aos interessados da comunidade em geral, a oportunidade de terem o primeiro contato com a língua japonesa e com alguns aspectos culturais do Japão.

Sendo assim, pode-se dizer que o PES-Japonês proporciona uma excelente oportunidade para os alunos dos cursos, mas representa, também, uma valiosa experiência de ensino-aprendizagem para estagiários do Curso de Letras-Japonês.

3. O Programa de Estágio Supervisionado de Francês (PES-Francês)

O Estágio Supervisionado de Francês acontece no contexto da formação pedagógica da Licenciatura em Letras-Francês da Universidade de Brasília.

Semelhantemente aos cursos de Letras-Espanhol e Letras-Japonês, os estudantes da universidade cursam dois semestres de disciplinas de estágio supervisionado.

No primeiro semestre, Estágio Supervisionado de Francês 1, o discente recebe uma formação didático-metodológica e realiza observações em contextos escolares. No caso do francês, uma vez que a disciplina não integra os currículos escolares do ensino regular, os estágios acontecem principalmente em três ambientes: nas escolas privadas de ensino de idiomas, nos Centros Interescolares de Línguas (CIL) da rede pública do Distrito Federal e no já referido PPE UnB Idiomas.

No segundo semestre, o Estágio Supervisionado de Francês 2 prevê a prática do discente estagiário em sala de aula. Em geral, são organizadas turmas de Básico 1, 2 ou 3 dentro do contexto do PPE UnB Idiomas, tendo como público a comunidade em geral, mas sobretudo, a universitária.

No ano de 2019, a professora Gisela Pizarro convidou a área de francês a integrar o projeto PESES/PES, convite que foi imediatamente aceito. Desse modo, o público atendido pelo estágio curricular da Licenciatura poderia ser ampliado, além de se estender a um público em situação de vulnerabilidade social.

Assim, além das turmas habituais junto ao PPE UnB Idiomas, o Estágio Supervisionado de Francês passou a ofertar, no 2º semestre de 2019, uma turma de Básico 1 para alunos da rede pública provenientes da cidade satélite de Samambaia, Distrito Federal, aos sábados, de 8 às 12 horas, com carga horária de 40 horas. Semelhantemente aos estágios de japonês e de espanhol, as aulas aconteceram no *campus* Darcy Ribeiro da UnB.

Três estagiárias assumiram essa turma e, sob a orientação da professora supervisora da disciplina de estágio, Josely Soncella, e da professora Mara Lúcia Mourão Silva, iniciaram os trabalhos de seleção e preparação do material. Foram muitas reuniões de planejamento, visto que o público esperado era de jovens adolescentes com idade entre 14 a 17 anos e a metodologia de ensino deveria ser adaptada a essa faixa etária.

Entretanto, ocorreram alguns problemas burocráticos com os ônibus patrocinados e, sem o transporte para o *campus*, os estudantes ficaram impossibilitados de frequentar as aulas. As vagas da turma foram então preenchidas pela comunidade em geral e por outros estudantes da própria UnB.

As aulas transcorreram normalmente até o final do semestre com a presença

da professora Mara em sala. Seu papel, como coordenadora pedagógica do francês no projeto, era o de observar e apoiar os estagiários no momento da aula, além de dar um retorno com relação às práticas, considerando todos os aspectos no desempenho dos professores estagiários. A professora Josely, além de fazer a orientação do planejamento, também assistia eventualmente às aulas para avaliar e exercitar uma reflexão com os estagiários sobre suas práticas, de modo estabelecer uma relação entre a teoria estudada durante a graduação e a realidade encontrada.

Finalmente, a participação dos licenciandos de francês no projeto PESES/PES se destaca por ser um *locus* de estágio excepcional e semelhante à realidade futura dos profissionais de francês, uma vez que boa parte dos estudantes de Letras-Francês são absorvidos como professores dos CILs do Distrito Federal. Outrossim, dar aulas de línguas estrangeiras para um público desprovido de recursos cumpre um papel importante dos programas de extensão da universidade, que é o de exercer uma transformação recíproca e retribuir à sociedade os recursos recebidos desta e investidos na instituição.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, M. I.; PIMENTA, S. G. *Estágios supervisionados na formação docente*. São Paulo: Cortez, 2014.

BARREIRO, I. M. de F.; GEBRAN, R. A. *Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores*. São Paulo: Ed. Avercamp, 2006.

IMBERNÓN, F. *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. São Paulo: Cortez, 2014.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. *Estágio e docência*. São Paulo: Cortez, 2012.

PIMENTA, S. G. *O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática?* São Paulo: Cortez, 2012.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, R.J.: Editora Vozes, 2002.